



O LARGO DA CARIOCA E SEUS MICROCOSMOS: um olhar geocultural

■ ADRIANA PIRES MARCIAL*

RESUMO

A GEOGRAFIA CULTURAL VEM AMPLIANDO NOS ÚLTIMOS ANOS SEUS CAMPOS DE ESTUDO E PRINCIPALMENTE SEUS MÉTODOS DE LEITURA DO ESPAÇO, PROPORCIONANDO AOS GEÓGRAFOS A APLICAÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS COMO PAISAGEM, TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE, LUGAR, ENTRE OUTROS, A ESTUDOS EMPÍRICOS CONCEITUALMENTE RENOVADOS, VALORIZANDO DIFERENTES ABORDAGENS QUE PRIVILEGIAM A DIMENSÃO CULTURAL DO ESPAÇO. NESTE SENTIDO, TAL ARTIGO PROCURA DECODIFICAR O ESPAÇO QUE COMPREENDE O LARGO DA CARIOCA, PARTE INTEGRANTE DA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, ATRAVÉS DAS MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS IMPRESSAS NA PAISAGEM. TAL LEITURA PROCURA RECONHECER O CARÁTER SIMBÓLICO DAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS EXPRESSAS EM DOIS MICROCOSMOS DISTINTOS, QUE ATRAVÉS DE SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS, TERRITORIALIZAM SUAS DIFERENTES IDENTIDADES.

PALAVRAS-CHAVE: GEOGRAFIA CULTURAL, PAISAGEM, TERRITÓRIO, MICROCOSMOS.

A Geografia cultural vem ampliando nos últimos anos seus campos de estudo e principalmente seus métodos de leitura do espaço, proporcionando aos geógrafos a aplicação de conceitos geográficos como paisagem, território, territorialidade, lugar, entre outros, a estudos empíricos conceitualmente renovados, valorizando uma visão cultural do espaço. Como nos indica Corrêa (1999, p.54-55), a “heterogeneidade cultural brasileira não pode deixar de ser contemplada pela renovação da Geografia Cultural”. O mesmo autor sugere temas a serem estudados, com os quais identifica-se esta pesquisa, a saber: (a) o caráter simbólico dos prédios, monumentos, praças, ruas, bairros, cidades, regiões ou montanha, vale, rio ou área florestal, entre outros, para os diversos grupos sociais, étnicos, religiosos, etc; (b) **as diversas manifestações religiosas em sua dimensão espacial**, como se exemplifica com as peregrinações às cidades santuários, definindo espaços sagrado e profano; e (c) **a cultura popular** em suas múltiplas manifestações e sua variação espacial.

Neste sentido, este artigo tem como objetivo fazer uma leitura cultural do espaço que compreende o Largo da Carioca, parte integrante da área central da cidade do Rio de Janeiro. Este logradouro, rico em símbolos e significados, numa trajetória de quatro séculos, viveu sucessivos arranjos e re-arranjos espaciais, proporcionando ao lugar características únicas que o diferenciam das demais praças da cidade. Esta

pesquisa privilegia o estudo da Geografia em sua dimensão cultural, unindo conceitos teóricos à pesquisa empírica.

Os depoimentos que se tem do Largo da Carioca, remetem ao século XVI, época em que toda área era ocupada por um morro e uma lagoa que mais tarde vieram, ambos, a levar o nome de Santo Antônio. Vivaldo Coaracy em seu livro *Memórias da cidade do Rio de Janeiro* (1988, p.108), nos transporta para a realidade do local no início da colonização.

(...) encontrava-se uma lagoa que se estendia até ao local onde hoje se encontra o Teatro Municipal, (...) era parte escusa, por onde não andava gente (...) nela vinham banhar-se os índios mansos (...) vinham também beber os bois do curral (...) e, por ser situado distante do povoado ali foi se instalar um curtume, utilizando-se da água da lagoa para lavar os pelames. Era indústria de maus odores (...) Foi assim este Filipe Fernandes, dono do curtume, um dos primeiros moradores do Largo da Carioca (...) Crispim da Costa e sua mulher, Isabel de Marins mandaram levantar em suas terras, à margem da lagoa, uma ermida posta sob a invocação de Santo Antônio.

Os relatos revelam que a partir da construção e estabelecimento da *Ordem de São Francisco* no Morro de Santo Antônio, em 1615, iniciou-se um período de

sucessivas obras que alteraram profundamente a paisagem do local e determinaram o alargamento do próprio largo. A lagoa de Santo Antônio foi dessecada pela construção de uma enorme vala que seguia pelo que é hoje a Rua Uruguaiana indo desembocar na baía de Guanabara, como nos coloca Coaracy (1988, p.116).

A vala desdobrava-se através de terrenos mal povoados e a rua que depois veio a se chamar do Egito e em seguida do Piolho (atual da Carioca) era um simples trilho sinuoso conduzindo ao campo da cidade onde pastava, à solta, o gado dos moradores.

O Convento de Santo Antônio ficou pronto também no século XVII, depois de anos em construção, contando com recursos doados pela população. Conforme aponta Coaracy (1988), em 1622 foi inaugurada, anexa à Igreja conventual de Santo Antônio, uma capela privativa sob a invocação da Imaculada Conceição. Somente em 1872, ficou inteiramente concluída a construção da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, outra ordem religiosa que se instala no largo, ao lado dos franciscanos. A história do largo está diretamente relacionada à instalação destas ordens religiosas, pois elas atraíam e atraem populações para o local. É possível perceber claramente o papel fundamental das Ordens Religiosas na ampliação dos espaços efetivamente ocupados na cidade do Rio de Janeiro, assim como ressaltar as estratégias de localização, normalmente nas partes elevadas (pequenas colinas) utilizadas pela Igreja Católica, para demonstrar à população o seu poder.

Inicialmente identificaremos os limites oficiais do Largo da Carioca uma vez que, onde durante a pesquisa empírica, ficou claro que o largo possui limites que podem ser, na maioria das vezes, percebidos por poucos. Foi possível reconhecer que existe uma diferença administrativa com a Praça Estado da Guanabara, que não é reconhecida espacialmente no imaginário dos cariocas, de modo que o Largo da Carioca é espacialmente menor do que parece. Há uma divisão, um limiar, uma linha imaginária que o separa de outro, isto para quem o conhece e se identifica como pertencente a um espaço - Largo da Carioca - ou a outro - praça Estado da Guanabara -. Sendo assim, propõe-se a estruturar esta leitura geocultural do espaço, que

compreende o “real” Largo da Carioca, no centro da cidade do Rio de Janeiro, conforme a figura 1, seguindo a definição de Bonnemaïson (2002 [1981] p.105) para quem

O projeto de toda análise geocultural é procurar definir este espaço onde se aloja a cultura. Isto não é simples, pois a cultura não organiza o espaço, mas o penetra. Ela desenha no solo uma semiografia feita de um entrelaçado de signos, figuras e sistemas espaciais que são a representação, arrisquemos a palavra “geossimbólica” da concepção que os homens fazem do mundo e de seus destinos. Essa semiografia quadricula o espaço de territórios que são sociais e, mais profundamente, culturais.

Para esta leitura geocultural do espaço foi considerado, primeiramente, o conceito de paisagem definido por Berque (1999, p. 84), a saber, “Paisagem-marca e paisagem-matriz (...) paisagem-marca, pois expressa uma civilização e matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura”. Outra proposição, o conceito de paisagem desenvolvido por Cosgrove, também considera a paisagem da cultura dominante e a paisagem alternativa. Sendo a primeira aquela através da qual o grupo dominante tem o seu poder:

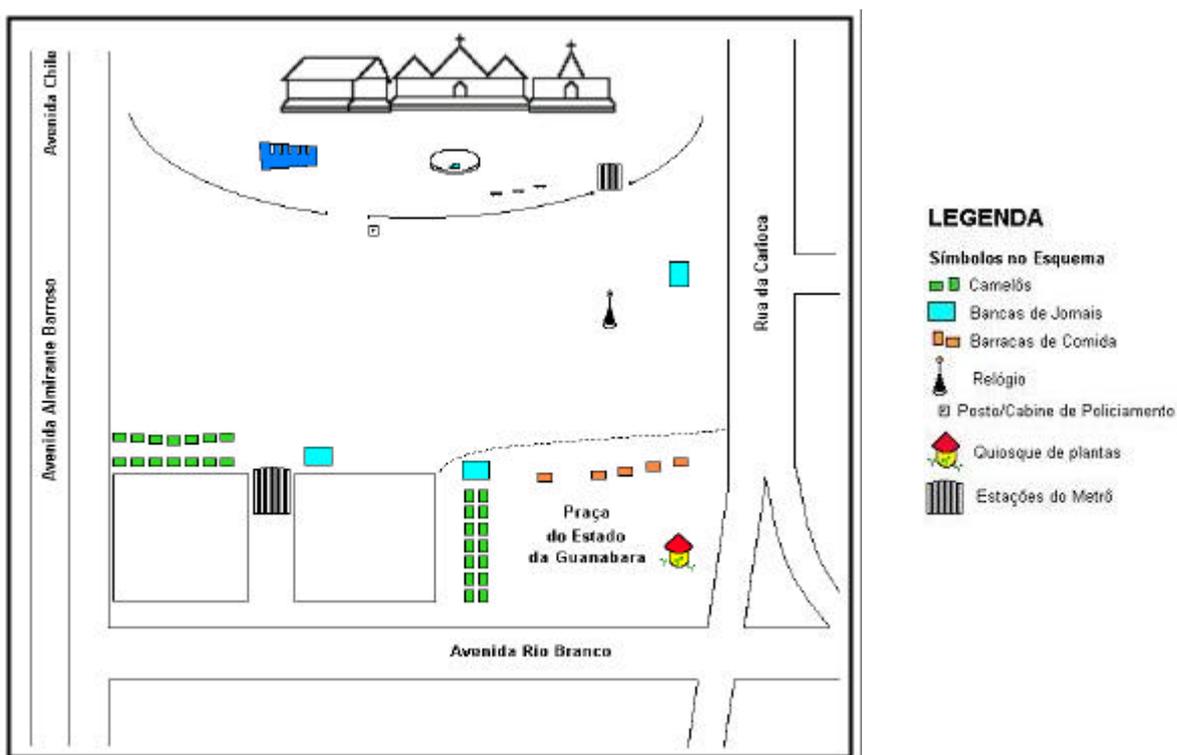
sustentado e reproduzido, em grande medida, pela sua capacidade de projetar e comunicar (...) e para todos os outros grupos, uma imagem de seu mundo, consoante com a sua própria experiência, e ter aquela imagem aceita como reflexo verdadeiro da realidade de todos (Cosgrove 1998, p.112).

O segundo tipo é constituído por “paisagens alternativas”, criadas por grupos não dominantes e que, por isso mesmo, apresenta menor visibilidade. São identificados três sub-tipos, dos quais enfatizamos dois, as “paisagens residuais”, cujo interesse está no fato de permitirem a reconstrução da geografia do passado, e as “paisagens excluídas” associadas às minorias e aos grupos pouco integrados como os ciganos e minorias raciais e religiosas, ricas de símbolos e significados para o grupo excluído (Corrêa, 1997).

Nesta análise interpretativa da organização espacial do Largo da Carioca, foram explorados ainda conceitos como o de lugar, desenvolvido por Tuan (1983); assim como as noções geográficas de espaço sagrado e de espaço profano, abordadas por Rosendahl (1996,1997), a partir de Eliade; de festa, estudadas por Brandão (1989) e Maia (1999); de centralidades geográfica, consideradas por Mello (1995) e de

geossímbolos, analisadas por Bonnemaion (2002 [1981]). Tais conceitos e noções serão detalhados a seguir e constituirão a base de construção de uma leitura geocultural do espaço, que compreende o Largo da Carioca, visando a definir um espaço formado por vários *microcosmos*.

FIGURA 1 - LARGO DA CARIOCA E SEUS FIXOS 2001



Elaborado por Marcial, A. P.. 2001.
Confeccionado por Oliveira, I. L.

Consideramos ainda os conceitos de território e territorialidade. Como define Souza (1995, p. 87): "o território não é o substrato, o espaço social em si, mas sim um campo de forças, as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial." Na mesma linha de raciocínio Haesbaert (2001, p.120) revela que:

Território envolve sempre, ao mesmo tempo (...) uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico' sobre o espaço onde vivem (sendo também portanto uma forma de

apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político- disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos.

As diferentes territorialidades, que são tão marcadas e visíveis no Largo da Carioca, construindo e desconstruindo diariamente seus territórios "temporários e permanentes" (Souza, 1995), organizam uma forma espacial específica no lugar. Esta apresenta uma identidade própria, constituída ao longo do tempo e que caracteriza este espaço como múltiplo e plural, no qual diferentes estilos de vida e visões de mundo se encontram. Ao identificarmos uma forte relação de

pertencimento, principalmente daqueles que ali trabalham, mas também de passantes e freqüentadores do lugar, os quais organizam-se em *cosmos*, ou seja, “território habitado e organizado, portanto <cosmizado>” (Eliade, s/ data) resolvemos definir este espaço através da noção geográfica de *microcosmos*, o que impõe uma ordem visivelmente percebida no local.

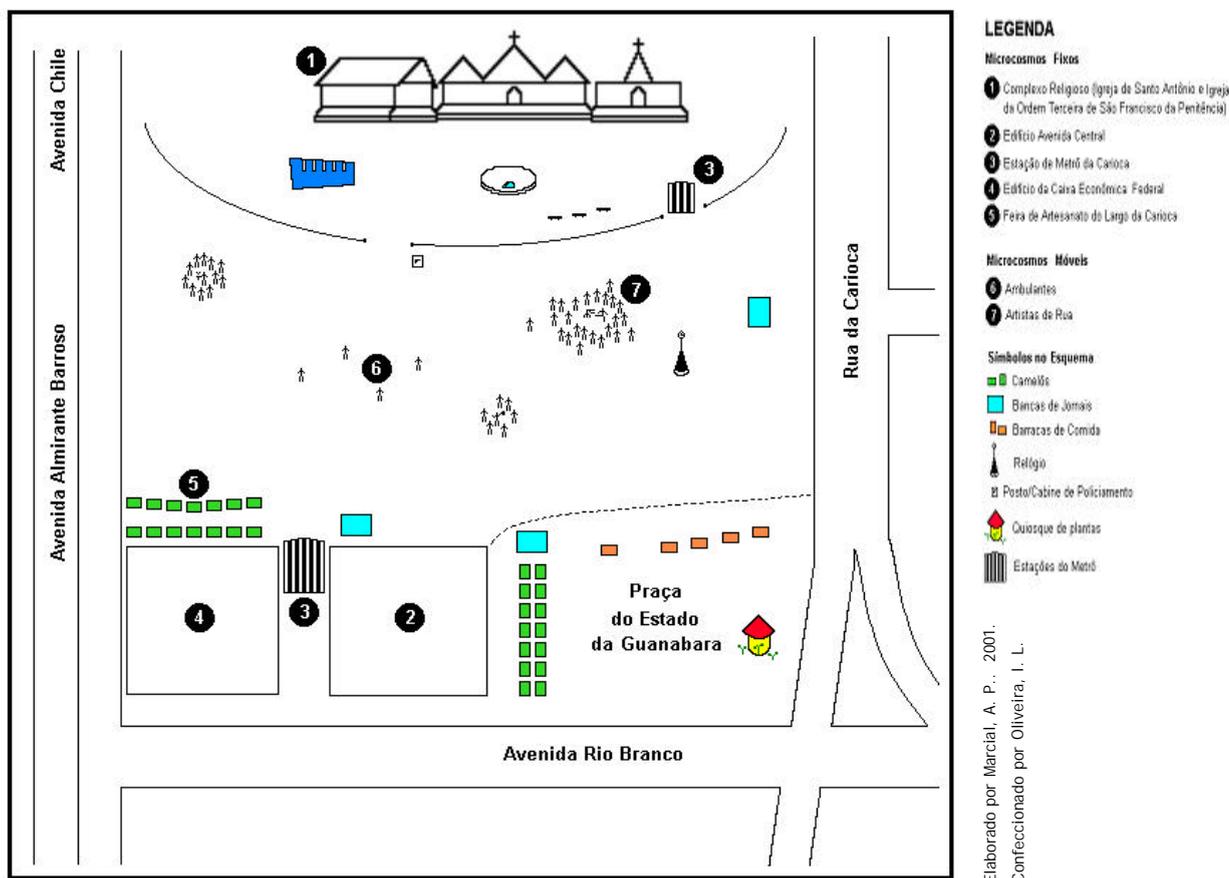
Esta noção geográfica de *microcosmos* baseia-se na tentativa de através de, “uma cartografia nova, que represente o campo cultural vivido pelos grupos humanos e cujo objeto seria constituído pelo desenho no solo de suas diversas territorialidades” (Bonnemaison, 2002 [1981] p.99), tornar possível a leitura geocultural desse caleidoscópio de *paisagens contrastantes* que se apresenta no Largo da Carioca.

Foram identificados sete microcosmos, divididos em dois grupos, conforme a figura 2. O primeiro grupo é constituído pelos microcosmos fixos, representados pelo Edifício Avenida Central e pelo prédio da Caixa Econômica Federal, pela Estação de Metrô da Carioca, pela Feira Permanente de Artesanato e pelo Complexo Arquitetônico do Sagrado, composto pelo Convento e

Igreja de Santo Antônio pela Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Os microcosmos móveis são constituídos pelos ambulantes e artistas de rua. Estes garantem ao lugar uma particularidade única das formas que se apresentam, dia após dia, no Largo, que são definidas por Carvalho como “roda”, (1997, p. 55)

(...) é a máxima expressão formal dessa situação de espetáculo. Demarcando seus limites no tempo e no espaço mais amplo da praça, ela define, por conseguinte padrões de interação atualizados exclusivamente no seu interior. A despeito de sua efêmera existência, a “roda” assume, no discurso dos artistas, o caráter de entidade quase autônoma, como se, depois de formada, fosse dotada de existência e características próprias: há rodas respeitadas e rodas ameaçadoras, silenciosas e barulhentas, chatas e divertidas.

FIGURA 2 - LARGO DA CARIOCA E SEUS MICROCOSMOS - 2001



Através deste olhar geocultural, definimos como *microcosmos* as formas espaciais características desse lugar, onde grupos sociais se organizam em duas vertentes: uma formal e legal, reconhecida pelo poder público, que são os *microcosmos fixos*, que possuem suas regras e normas - reconhecidas e respeitadas pela sociedade; e outra informal e ilegal, não reconhecida pelo poder público, excluída, mas que, apesar das dificuldades, também apresenta uma organização interna, normas de conduta e regras a serem seguidas por todos aqueles que se utilizam deste espaço público para sobreviver e que constituem os *microcosmos móveis*.

Sendo assim, podemos reconhecer a organização espacial do Largo da Carioca claramente marcada por dois eixos principais. Um definido pela legalidade e permanência, que pode ser interpretado como *território permanente* (Souza, 1995), ou ainda como *microcosmo fixo*, representado pelos barraqueiros da Feira de Artesanato, pelo complexo do sagrado, os edifícios Avenida Central e Caixa Econômica Federal, e a Estação do Metrô da Carioca, exercendo o papel de fixos sociais (Santos, 1986), possuindo um território marcado e delimitado legalmente. O outro, marcado pela ilegalidade e inconstância, pode ser interpretado como *território temporário* (Souza, 1995), ou *microcosmos móvel*, representado pelos artistas de rua e ambulantes, que delimitam, constroem e desconstróem a cada dia seus territórios temporários e ilegais, não reconhecidos por nenhum órgão oficial. O Largo da Carioca pode, assim, ser interpretado como um variado mosaico de *paisagens contrastantes*.

Deste encontro de classes sociais, modos e estilos de vida, visões de mundo das mais diversas, surge o Largo da Carioca, uma das poucas praças do Rio de Janeiro que manteve a carinhosa e afetiva designação de "largo". Vivo em suas contradições e contrastes, apresentando àquele que se propõe a estudá-lo uma paisagem cultural dinâmica, efervescente, repleta de símbolos e significados.

A partir desta introdução foram selecionados dois microcosmos para uma análise mais aprofundada: (I) o complexo arquitetônico do Sagrado e (II) os artistas de rua. Esta análise empírica foi realizada no ano de 2005.

I. COMPLEXO ARQUITETÔNICO DO SAGRADO: MICROCOSMO RELIGIOSO

A religião, entendida como um dos pontos da cultura, define uma paisagem particular no Largo da Carioca, paisagem esta que resistiu a pelo menos a três séculos de transformações socioespaciais. Apresenta-se, ainda hoje, com características específicas, principalmente nos tempos sagrados.

Esta paisagem expressa pelo complexo arquitetônico do sagrado, composto pela Igreja e Convento de Santo Antônio e pela Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência pode ser interpretada pela Geografia Cultural como fazendo parte de uma *paisagem residual*, ou seja, testemunho de um tempo passado, ou ainda, de acordo com Santos (1986, p.138), como "o testemunho de um momento, de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada".

O homem através de sua cultura modifica, reestrutura e transforma a paisagem. A paisagem da cultura dominante se impõe e consegue manter fixas suas formas residuais, apresentadas por uma matriz cultural que resiste ao novo contexto urbano, deixando claro nesta paisagem a presença de uma cultura dominante há 324 anos (324º Trezena a Santo Antônio), mantendo assim acesos seus símbolos e rituais durante séculos. Esta paisagem pode ser interpretada também, segundo Augustin Berque, como paisagem-marca e paisagem-matriz (1998).

Este microcosmo fixo foi estudado visando a interpretar o que ocorre com a paisagem do Largo da Carioca durante o tempo sagrado, que compreende a Trezena de Santo Antônio, período de 13 dias que antecede a festa. Este período é marcado pelos preparativos para a festa, que ocorre todos os anos no dia 13 de junho, quando são celebradas missas em diversos horários e os devotos de Santo Antônio rezam e fazem seus pedidos, promessas, e cumprem o ritual simbólico levando para casa o pão "bento".

Durante este lapso de tempo podemos identificar uma nova organização do espaço: a lógica do sagrado se impõe na paisagem do Largo da Carioca como um todo.

A trezena de Santo Antônio representa uma preparação para a festa, que ocorre no final da trezena, sempre no 13 de junho - dia de comemoração de Santo Antônio. Neste sentido, a abordagem irá destacar a

abrangência do centro religioso e o perfil dos fiéis, a festa do santo, a organização espacial do sagrado, o comércio do sagrado e o espaço e o tempo sagrado no Largo da Carioca.

1.1 ABRANGÊNCIA DO CENTRO RELIGIOSO DURANTE A TREZENA E PERFIL DOS FIÉIS

A pesquisa empírica evidenciou que a área de abrangência desse centro religioso, durante o período da Trezena realizado nos dias úteis da semana, é relativamente restrita, apresentando uma frequência de fiéis que residem no Centro, zona Sul e alguns bairros da zona Norte da cidade. Exatamente por residirem próximo participam mais ativamente das missas, que são realizadas em dois horários, às 12 e às 18 horas, caracterizando nestes dias uma abrangência pequena. O número de frequentadores neste período foi de aproximadamente 200 pessoas por missa, contando com um número maior de mulheres, em sua maioria acima de 30 anos de idade.

No final de semana que antecede a festa, a área de influência se estendeu, incluindo alguns bairros do subúrbio e da zona Oeste. As missas são realizadas às 10h e às 17 horas. O número de frequentadores é de aproximadamente 300 por missa, verificando-se uma forte presença dos homens, equiparando-se às mulheres. Ambos, em sua maioria, apresentam idade superior a 30 anos, porém, nesses dias, havia um número maior de idosos, pessoas acima de 60 anos.

1.2 A FESTA DO SANTO PADROEIRO – SANTO ANTÔNIO

No dia da festa a abrangência do sagrado expande-se consideravelmente, incluindo, além das zonas citadas, outros municípios da região metropolitana e do Estado. A frequência é muito grande. Milhares de pessoas passam pela Igreja neste dia, o número de homens e mulheres equiparava-se, e as idades são bastante variadas, desde crianças, adolescentes, adultos e idosos, todos a prestigiar e fazer seus pedidos a Santo Antônio.

A distribuição dos pãezinhos “bentos”, pela manhã, gera várias filas de fiéis que buscam obtê-los para levá-los para casa, seguindo um ritual simbólico que perdura há muitos anos. Tal ritual reza que, ao chegar a casa, deve-se colocá-lo em uma lata ou porta-

mantimento com farinha, para que haja fartura durante todo o ano. Milhares de fiéis vão à Igreja de Santo Antônio, todos os anos, no dia da festa para buscar o pão “bento”, seguindo assim uma tradição simbólica da cultura popular. Acreditando na cura de males, alguns comem o pão. Como registro do número de pessoas que foram à igreja no dia em que a pesquisa foi realizada, foi constatado que cerca de 30.000 pãezinhos já haviam sido distribuídos até às 11 horas.

A presença marcante da imprensa, fazendo a cobertura do evento ampliou a espacialidade da festa. Estavam presentes no dia da festa as seguintes emissoras: Rede Globo de Televisão, TV Bandeirantes (Band) e dois grupos com cinegrafistas, documentando o evento. O espaço sagrado neste dia é o espaço de todos, dos frequentadores e dos que estão em casa, já que a Rede Globo filmava dentro da igreja, transmitindo ao vivo para todo o Estado do Rio de Janeiro o momento da festa. Neste caso, a abrangência do templo religioso se tornou impossível de mensurar. A repórter falava, iluminada por um canhão de luz, enquanto vários fiéis atravessavam para se aproximarem da imagem de Santo Antônio, no altar principal ao fundo da igreja, ponto máximo de encontro do fiel com o sagrado. Os fiéis compartilhavam um sentimento de devoção, mas também de descontração, como se a festa causasse àquele encontro algo especial, e aparentemente não se preocupavam com a presença da televisão. Segundo Maia (1999, p. 192), a festa popular parece ter sua marca no júbilo e no prazer, configurando-se, de acordo com Durkheim, num estado de ‘efervescência’ que propicia a aproximação dos indivíduos.”

Este comportamento de descontração, porém, não foi observado nos outros dias que antecederam a festa. Pelo contrário, a maioria das pessoas se mostravam sérias e recolhidas. A festa é um momento de relaxamento e descontração, que também pode ser vivenciado naturalmente em um tempo sagrado, como foi observado. Como enfatiza Brandão (1989, p.54) “a festa se apossa da rotina e não rompe, mas excede a sua lógica e é nisso que ela força as pessoas ao breve ofício ritual da transgressão.”

1.3 A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO SAGRADO

A construção do espaço sagrado envolve a manifestação direta da divindade - uma hierofania -, em certas coisas, objetos ou pessoas. A imagem de Santo Antônio aparece assim como categoria simbólica religiosa e o *locus* da sacralidade. Representa o ponto de maior sensibilidade religiosa na Igreja de Santo Antônio. Segundo Rosendahl (1996, 1997) "o entorno é a área vivamente utilizada para o crente realizar suas práticas religiosas e o roteiro devocional".

Podemos, então, com base nos estudos de Rosendahl (1996, 1997), definir o "espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência".

A pesquisa empírica demonstrou que o *locus* da hierofania e sua localização geográfica permanecem fixos através do tempo no Complexo Arquitetônico da Igreja - convento de Santo Antônio. O espaço sagrado abrange o interior da Igreja, seus limites ocorrem nas pequenas escadarias de acesso à Igreja. Estamos analisando o espaço sagrado durante a festa de Santo Antônio, que ocorre no mês de junho nas dependências do Complexo Arquitetônico.

1.4 O COMÉRCIO DO SAGRADO

O comércio do sagrado se faz presente durante a festa. É expressivo o número de artigos vendidos com a "logomarca" Santo Antônio: são estatuetas de tamanhos variados, chaveiros, canetas, imãs para geladeira, fitinhas, velas, medalhas, santinhos, flores e pãezinhos em embalagens estilizadas, com fitinhas que contêm mensagens, livros, cordões com pingentes, pulseiras, blocos e até mesmo água benta engarrafada em embalagens plásticas coloridas. A compulsão pelo consumo não escapa nem mesmo ao centro religioso.

O comércio de bens simbólicos localiza-se na parte alta da Igreja, ou seja, é organizado em barraquinhas ocupando o pátio frontal do outeiro e pode ser compreendido, segundo Rosendahl (1996, 1997), como *espaço profano diretamente vinculado ao sagrado*, onde se verifica uma distinção clara na organização espacial das barracas. Em frente à Igreja encontram-se as barracas que vendem os artigos religiosos, além daquelas fixas, "Boutique" de Santo Antônio e Bar Sta.

Clara, que funcionam todos os dias. Localizam-se nesta área as barracas organizadas pelas senhoras "pertencentes" à ordem e freqüentadoras assíduas da igreja, as quais, por isso mesmo, obtêm, posição privilegiada. Vendem artigos religiosos dos mais variados e, adicionalmente, roupas, sapatos, porta-retratos, vasos com flores artificiais, relógio de parede, louça, painéis, etc. A barraca que vende água-benta e pãezinhos estilizados recebe uma ajuda extra na divulgação de seus artigos, pois por várias vezes ao final das missas, os padres anunciavam e incentivavam os fiéis a irem à barraca para adquirirem esses produtos religiosos. Eis a propaganda nas palavras do padre: "*Atenção! Pode-se encontrar água-benta e pãezinhos bentos na barraca em frente à Igreja*".

Por outro lado, nem todos os objetos podem ser benzidos, apenas aqueles que fazem parte do ritual católico: "*Os objetos para serem benzidos só podem ser aqueles ligados a saúde, religião e trabalho, os demais não podem receber a benção, por favor não tragam bijuterias, pingentes, ou outros objetos decorativos.*"

Assim, o poder religioso impõe no espaço sagrado proibições e segrega objetos que possuem um simbolismo pela classificação pessoal do padre. A religião é segregadora de comportamentos, pessoas e de objetos simbólicos.

Descendo poucos lances de escadas, mas ainda na parte superior do complexo religioso, agora em frente ao convento, foram organizadas outras barracas, que oferecem produtos mais variados. Estas barracas podem ser compreendidas como ocupando também, segundo Rosendahl (1996, 1997), um *espaço profano diretamente vinculado ao sagrado*, que no tempo sagrado amplia sua área, apresentando artigos mais variados.

Ao todo participaram da festa dezessete barracas montadas para esta ocasião e mais as duas barracas fixas, que já fazem parte desse espaço profano cotidiano, uma delas com artigos religiosos e a outra com lanches. É notável que a ampliação do espaço profano ocorre em função das necessidades dos romeiros. O fluxo de peregrinos aumenta, logo as ofertas deverão acompanhar a demanda.

Na parte inferior do complexo religioso há um controle relativamente severo, por parte da Polícia

Militar, aos vendedores ambulantes, que se aproveitavam do evento para vender seus artigos religiosos e não religiosos. Os ambulantes são praticamente obrigados a realizarem seu comércio do lado de fora dos portões de entrada e acesso à igreja. Este espaço pode ser interpretado, segundo Rosendahl (1996, 1997), como *espaço profano diretamente vinculado ao sagrado*, porém sem permissão da Igreja para atuarem no espaço “superior” do complexo religioso. Além daqueles que praticam o comércio em pé, cercando os devotos, há também barracas dispostas ao longo das grades que cercam o convento, indicando de fato uma discriminação social refletida espacialmente, ou seja, os excluídos que não têm acesso à realização de seu trabalho informal mais próximo à igreja, organizam-se espacialmente em seus portões, vendendo também artigos religiosos dos mais variados, como estatuetas, medalhas, flores, velas, terços, etc. Além, é claro, de uma barraca vendendo comida “baiana” que faz parte da festa. Na parte alta, onde se localiza a Igreja, o “restaurante” tinha no cardápio vatapá e risoto de camarão; na parte baixa, cuzcuz, acarajé etc. A cultura alimentar baiana está presente na paisagem religiosa, tanto nas camadas superiores da Irmandade, como no ambulante da parte inferior. A *territorialidade religiosa* é fortemente delineada no dia da festa, no qual, segundo Corrêa (1994, p. 21),

A territorialidade associa-se ao controle de fato efetivo, por vezes legitimado, por parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço (...) a apropriação pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas espacializadas por parte de grupos definidos segundo: renda, raça, religião, sexo, idade ou outros atributos.

Estas práticas espaciais de comercialização dos bens simbólicos refletem também, segundo Sopher (1967), possíveis conflitos em uma *territorialidade religiosa* marcada pela intolerância e exclusão.

Com o distanciamento de poucos metros do semicírculo formado pela área de maior influência do sagrado, nos afastando de seu “ponto-fixa”, aquele de maior sacralidade (Eliade, s/ data), encontramos, segundo Rosendahl (1996, 1997), um *espaço profano remotamente vinculado*, onde transeuntes circulam apressados vivendo ativamente seu cotidiano: este é

um espaço comum, deslocado pela ampliação da territorialidade do sagrado.

Durante o dia de festa o sagrado desce o morro e invade o Largo da Carioca, ampliando significativamente sua área de influência e impondo uma nova organização espacial ao lugar, pois os artistas de rua que se apresentam neste palco também têm que se reorganizar espacialmente para a realização pacífica de todos os eventos. O sagrado e o profano se aproximam em cores, cheiros e sons dos mais diversos, imprimindo na paisagem um contraste belo e único.

O Largo da Carioca parece todo estar em festa, misturam-se aos fiéis os passantes do dia-a-dia, que, em seu corre-corre habitual, apenas observam rapidamente esta nova paisagem colorida e diversificada que se apresenta. A saída do metrô do Largo da Carioca se mantém fechada, visto que a descida e saída dos fiéis da igreja ocorrem pelo portão lateral, desembocando exatamente na saída do metrô. Trata-se de um acordo entre duas instituições, uma vinculada ao sagrado e a outra ao cotidiano.

Através da pesquisa empírica de observação e vivência dos fatos, foi possível analisar geograficamente o que ocorre com o espaço de vivência do sagrado, considerando o comportamento de seus frequentadores, que remodelam e desenham novas paisagens, entendendo que “a paisagem, de fato é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, em uma unidade visual (Cosgrove, 1998, p.98).

1.5 O ESPAÇO E O TEMPO SAGRADO NO LARGO DA CARIOCA

O espaço e o tempo sagrado exercem nas pessoas atitudes como recolhimento e seriedade. O homem se desliga do mundo real e cotidiano no momento em que se aproxima de um centro religioso onde pode se religar a Deus. Este afastamento do cotidiano se dá no espaço físico e ficou claro, pelas entrevistas realizadas, que só foi possível obter bons resultados quanto mais afastada da igreja eu me encontrava. O mesmo se verifica em termos temporais, pois assim que termina a missa os fiéis encontram-se imersos em uma espécie de transe espiritual que vai se desfazendo com o passar do tempo. No tempo da festa os fiéis também se comportam de forma diferenciada, como já foi comentado,

apresentando-se mais descontraídos do que nos dias anteriores.

Os diferentes tempos influenciam na configuração do espaço. Assim, durante a semana, a paisagem do Largo da Carioca, o qual exerce uma centralidade forte no que se refere à irradiação de pessoas, apresenta-se marcada por intenso movimento de transeuntes especialmente por causa da presença de uma das estações de metrô de maior fluxo de passageiros que transformam o local em um ponto de passagem. Este fator se reflete claramente na paisagem, com pessoas circulando durante todo o dia nos cinco dias úteis da semana. Aos sábados e domingos esta configuração muda e o Largo da Carioca costuma se apresentar ermo e vazio, principalmente após as 17h, quando o comércio está fechando as portas. O poder público, representado pela Polícia Militar, que se encontra em uma cabine fixa no centro do Largo da Carioca, rende-se ao poder do “sagrado” e abre uma exceção aos sábados e domingos, permitindo o estacionamento de carros daqueles que vão às missas na Igreja. O Largo da Carioca transforma-se temporariamente em um estacionamento, atendendo aos fiéis de Santo Antônio.

O Complexo Arquitetônico do Sagrado pode ser interpretado como um *fixo social*, gerador de *fluxos*, como aponta Santos (1988), segundo o qual, “o espaço é, também e sempre, formado de fixos e de fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço”.

Fixos e fluxos marcam uma centralidade específica no Largo da Carioca, que gera esta convergência, apresentada por Mello (1995, p.33) como *Centralidade Esporádica*, definida e reconhecida como tal em tempos diferenciados, caracterizando espaços diversos. Às terças-feiras, dia escolhido para representar o tempo sagrado semanal deste lugar, aumentam consideravelmente os fluxos em direção à Igreja. Essa característica específica deste centro religioso também é verificada em outro tempo sagrado, que é o tempo da festa anual, como já foi citado anteriormente. A centralidade esporádica, marcada pelo sentido da religiosidade e espiritualidade, diferencia este espaço

do restante do Largo da Carioca em seu tempo sagrado específico de atuação.

Além da centralidade esporádica, exercida pela Igreja de Santo Antônio, o complexo arquitetônico do sagrado é representado também pela Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Tal forma religiosa esteve fechada durante alguns anos. Nos dias atuais abre suas portas somente duas vezes na semana em horários pré-estabelecidos, mantendo também uma centralidade esporádica. É visitada constantemente por turistas, para apreciarem sua estrutura arquitetônica barroca e seu interior, que possui notável unidade de estilo rococó. Esta Igreja possui ainda em seu interior um Museu de Arte Sacra, inaugurado em 1993, que reúne objetos, peças e imagens que faziam parte, entre 1640 e 1862, da tradicional *procissão das cinzas*.

Esta procissão, segundo o escritor Mário Barata (1975), que revela um capítulo curioso da nossa história e foi praticada entre 1640 e 1862, constituía-se pela saída dos membros da Ordem Terceira, chamados Penitentes de São Francisco, pela cidade do Rio de Janeiro anunciando e abrindo o período da Quaresma. Essas procissões conservavam seu caráter bárbaro, isto é, o exagero de que fora preciso revesti-las, apresentando-lhes imagens esculpidas e coloridas de gigantescas proporções, compondo-se de 12 grupos com essas figuras (Barata 1975).

Com o passar do tempo, esta cerimônia religiosa tornou-se para a cidade do Rio de Janeiro uma oportunidade de divertimento para o público carioca. Com o avançar do século XIX, as brincadeiras em torno da procissão aumentavam e, em 1860, o Ministro da Ordem sugeriu a sua substituição pela “lavagem dos pés”, o que foi aceito e perdurou até 1862, dando fim a essa manifestação religiosa (Barata 1975).

Vejamos, agora, o microcosmo criado pelos Artistas de Rua. Nossa análise geográfica irá se deter na cultura popular em sua dimensão cômica no cenário do Largo da Carioca.

II. ARTISTAS DE RUA: MICROCOSMO DO MÁGICO E ENCANTATÓRIO

Este microcosmo móvel marca uma territorialidade temporária, sendo construído e desconstruído dia após dia. É formado por artistas que trabalham individualmente ou em grupos. É uma

atividade que se faz presente no Largo há bastante tempo, garantindo o sustento dessas pessoas, e que já se tornou marca na cidade do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa descreve a atuação de alguns desses artistas durante o período de levantamento empírico no largo. Por isso, alguns dos artistas citados, devido à enorme fluidez e à rotatividade de uso do espaço público, podem não mais estar presentes na paisagem do Largo da Carioca, como é o caso do microcosmo dos índios, que durante a pesquisa partiram para outra cidade, e o microcosmo da fada que foi deslocado temporariamente para a Rua Uruguaiana, por questões de territorialidades marcadas e pré-estabelecidas pelos artistas mais antigos do Largo, como veremos a seguir.

Há no Largo da Carioca, portanto, um processo controvérsico. Ao mesmo tempo em que alguns artistas se “fixam”, marcando seus territórios temporários dia após dia, há também aqueles que, por acordos, permanecem por tempo determinado, que varia de duas semanas a um mês ou mais, porém são artistas viajantes, que rodam o país levando seus espetáculos e que, por isso, quando menos se espera deixam de fazer parte da paisagem do Largo.

O levantamento desses microcosmos, representados pelas “rodas”, tem como objetivo fazer uma descrição geral dos mesmos. Alguns deles foram escolhidos para um estudo mais aprofundado, visando a compreender as relações sociais que ali se apresentam, impondo novas configurações espaciais, que permitem a leitura geográfica de diferentes paisagens culturais refletidas. Para tanto cabe compreender o que é um dia no Largo da Carioca, durante a semana, como se constroem e se desconstróem estes microcosmos, territórios temporários, ou “rodas”.

2.1 UM DIA NO LARGO DA CARIOCA: OS CHEIROS, OS SONS E SABORES

Nas primeiras luzes da manhã, o Largo é um local sossegado, com pouco movimento. Com o passar das horas o fluxo de transeuntes apressados para o trabalho vai aumentando e aqueles que trabalham no Largo também começam a chegar. Os barraqueiros da Feira de Artesanato chegam mais cedo, por volta das 7/ 8 horas da manhã. As bancas de jornal também abrem cedo. Os artistas de rua e ambulantes, porém, começam

a chegar entre as 9 e 10 horas, quando o movimento de pedestres já é bastante intenso.

Neste momento o espaço do Largo inicia sua (re) criação. Vários *microcosmos móveis* vão surgindo, como o dos artistas de rua que constroem seus territórios temporários, formando pequenos círculos, que eles chamam de “roda”.

Essas “rodas” ou microcosmos móveis vão aos poucos transformando a paisagem do Largo da Carioca. Os cheiros, sons e cores são mais intensos, quanto mais se aproxima o horário de almoço, quando aumenta ainda mais o fluxo de transeuntes circulando pelo Largo. Alguns pedestres passam, apressados, outros param para assistir o que está acontecendo. “O usuário confunde-se com o próprio espaço de que se apropria, fazendo dele uma espécie de palco/platéia, onde é ao mesmo tempo ator e espectador” (Costa *apud* Carvalho, 1997, p.36).

2.2 O COTIDIANO DOS SONS E SABORES

Encontramos diariamente por todo o Largo vários mágicos espalhados com suas banquetas de trabalho. Estes artistas geralmente apresentam-se individualmente. Em volta deles formam-se pequenos semicírculos de espectadores, que se revezam ao fim de cada série de apresentações. Os músicos também podem ser vistos todos os dias da semana e se organizam em lugares próprios, territórios marcados. Na frente da grade que separa o complexo do sagrado, próximo ao portão de entrada e à cabine da Polícia Militar, está um violonista que apresenta clássicos do jazz, blues e rock, geralmente acompanhado por um colega que comercializa os dois Cds gravados pelo músico, e faz a propaganda dos bares na cidade onde o mesmo costuma se apresentar. Ainda junto às grades do complexo do sagrado podemos encontrar outro grupo de músicos, de origem boliviana. Estes, porém, se localizam em frente a Rua Almirante Barroso, geralmente se apresentam em número de dois, um violonista e o outro toca instrumentos de sopro típicos de sua cultura, como o pífano, semelhante a uma gaita, porém maior e feito de bambu. Desta forma, a cultura boliviana também se faz presente neste complexo de paisagens que se apresenta no Largo.

É possível encontrar no Largo, no meio dos artistas de rua, um grupo de homens que vendem ervas. São os pregões dos vendedores de remédios miraculosos, expondo seus produtos - ervas medicinais - em uma grande lona no chão, liderados por um homem que se denomina índio curandeiro, conhecedor das ervas, com as quais prepara "garrafadas" para curar os mais diferentes males, desde impotência sexual, fadiga, falta de apetite, diabetes, a feridas mal curadas, dores de cabeça, hipertensão etc. O povo se aproxima para ouvir os ensinamentos e as piadas que entremeiam a confecção dos ditos "medicamentos", que são feitos no local, de maneira artesanal e, a meu ver, pouco higiênica. Em um grande pilão de madeira o índio vai colocando as ervas que serão maceradas para a confecção da fórmula, depois distribui as ervas em pequenas garrafas plásticas de 500ml, onde anteriormente colocou uma água de cor escura, retirada de um garrafão de 20 litros. A cultura popular indígena transmitida pelas palavras do homem, que realmente se assemelha a um índio, com os cabelos longos e negros, faz com que as pessoas confiem sua saúde e tomem aquelas poções preparadas sem o mínimo de higiene e sem saberem qual a procedência da água utilizada e das ervas. O índio se reveza durante todo o dia com mais dois ou três homens na venda do produto, os outros são de origem nordestina, e dizem que aprenderam no sertão, ou receberam ensinamentos do índio que acompanham para confeccionarem as poções "milagrosas". Os discursos são engraçados e convincentes, pois vendem bastante. A cultura popular indígena, representada pela figura do índio, parece transmitir confiança fazendo com que os espectadores consumam as garrafadas.

Este microcosmo costuma ser composto por 20 a 30 pessoas que vão se revezando para assistirem à confecção dos "medicamentos milagrosos". Estas pessoas são em maioria do sexo masculino, muitos de origem nordestina, negros, desempregados, biscateiros, poucas mulheres participam das "rodas", o que fez com que a minha presença fosse notada e comentada por um dos comerciantes de ervas. Esta atividade permanece o dia inteiro, diferente dos outros microcosmos, formados pelos artistas, que atuam somente durante um período do dia.

Esta atividade no Largo, como foi dito anteriormente, é temporária, como pôde ser constatado, durante as observações. Após perceber a ausência dos mesmos por alguns dias, perguntei a um dos mágicos o que tinha acontecido e ele me informou que eles haviam partido para outra cidade. Estes, portanto, formam um dos microcosmos itinerantes, que freqüentam o Largo por tempo determinado.

2.3 O COTIDIANO DAS VOZES: GRITOS EM FORMA RITMADA

Os profetas religiosos também são presença marcante no Largo durante todos os dias da semana. Eles costumam circular por toda a área professando em alto volume a palavra de Deus. Um deles em especial chamou a atenção, pois atrapalhava claramente o trabalho de uma artista de rua, que fazia sua apresentação pela primeira vez no Largo. Sua performance era belíssima, apresentava-se vestida de branco, um vestido com uma comprida capa branca e o rosto pintado também de branco; sobre um banquinho permanecia como uma estátua e quando algum espectador colocava uma moeda ou nota na caixinha que se encontrava a seus pés, ela mexia-se como uma "fada", fazendo movimentos leves e suaves, lançando beijos para aquele que colaborou e logo em seguida voltando à posição de estátua. Esta performance atraiu um número enorme de espectadores, fazendo desaparecer os outros microcosmos que se encontravam no Largo, causando um verdadeiro caos para os artistas locais. O crente enlouquecido posicionou-se na roda e pregava aos berros, certamente querendo chamar atenção para si, alguns ambulantes e freqüentadores do local disseram que ele sempre faz isso com as "rodas novas" e que ficam cheias de espectadores. Neste momento constata-se claramente que, de fato, há uma territorialidade definida no Largo. Como Carvalho apresenta em sua pesquisa (1997, p. 40),

O acordo sobre a utilização do espaço público é feito entre eles mesmos, conforme "o tempo que se tem de rua", sendo que os mais novos devem aceitar os espaços liberados pelos mais antigos, que mantêm seus pontos fixos... De pequenos acertos informais são feitas as regras que devem ser respeitadas por todos aqueles

que, de uma forma ou de outra, tiram seu sustento do Largo da Carioca.

Esta divisão do espaço foi confirmada na mesma semana, quando foi verificado que a artista “fada” tinha sido deslocada para a Rua Uruguaiana.

Outro fato importante a ser analisado ainda neste microcosmo da “fada” foi o comportamento dos espectadores e suas falas. Muitos diziam, *“Meu Deus !! Parece uma Santa distribuindo bênçãos. Parece um anjo, transmitindo paz e tranquilidade.”*

E de fato seus gestos pareciam os de uma santa a distribuir bênçãos, pois elevava os braços aos céus, beijava os dedos e lançava ao colaborador, ou quando a pessoa estava próxima segurava as mãos da mesma, elevava os braços, parecendo buscar uma bênção, transmitindo através do gesto e de seu olhar uma paz e tranquilidade percebidas e comentadas por todos presentes.

Ao final de sua apresentação, que terminou principalmente por conta dos berros do crente perturbador, que também recebeu muitas reclamações dos espectadores, fui até a moça para entrevistá-la e, para a minha surpresa, não só eu, mas também outras pessoas se aproximaram para conversar com ela e elogiar seu trabalho. Todos diziam que ela parecia uma santa. Chegou até mesmo uma representante de uma Igreja Evangélica perguntando se ela não gostaria de participar do corpo de artes da Igreja, mas a artista fez questão de deixar bem claro, *“O que eu faço é arte, não tem nada a ver com Igreja ou religião, por favor não confundam, esta performance é uma representação da rainha das fadas”*. Contudo, o público insistia em chamá-la de santa e anjo.

É interessante analisar este fato e até mesmo traduzi-lo como um “choque cultural”, no qual a introdução de um estilo artístico de apresentação que não faz parte da cultura brasileira teve como consequência uma interpretação e absorção por parte dos espectadores contrárias às expectativas do artista, pois eles decodificaram a mensagem seguindo os símbolos que são os seus, que conhecem e que já estão assimilados em sua própria cultura, que são a religiosidade extremada, na qual a artista representava uma santa distribuindo bênçãos, retirando-os por alguns instantes do mundo cotidiano e real.

Dentre os profetas que se apresentam, circulando pelo Largo, há um que utiliza um quadro sobre um cavalete com uma ilustração que representa o céu e o inferno. Professa sua religião levando consigo a Bíblia, e está sempre acompanhado da mulher e uma filha, ainda menina, beirando os 11, 12 anos. Faz seu discurso ardente para os poucos que se aproximam e permanecem a escutá-lo. Estes profetas não pedem abertamente uma colaboração em dinheiro, mas algumas pessoas colaboram com doações.

Além destes microcosmos descritos, que fazem parte da paisagem do Largo durante os dias da semana, há uma troca de atividades que ocorre ao longo das horas. Ao anoitecer os artistas de rua se retiram, desconstruindo seus territórios temporários e chegam no Largo os vendedores ambulantes, que estendem lonas azuis no chão, onde expõem suas mercadorias. Não há uma licença formal para esta atividade, mas a Polícia não interfere no trabalho deles. Permanecem no local das 18 até às 21 horas, aproveitando o fluxo de pessoas que atravessam o Largo na volta para casa, principalmente aqueles que utilizam o metrô como transporte. É reduzido o número de “loneiros” que trabalham no local, aproximadamente 5 ou 6, vendendo cabides, fitas de vídeo, meias e cuecas, ferramentas em geral. Em conversa informal, um deles, que trabalha em outro ponto da cidade, e que à noite desloca-se para o Largo da Carioca, disse que muitos “colegas” camelôs acham que o Largo não é bom lugar para as vendas, porque as pessoas passam apressadas para irem para suas casas, justificando assim, o reduzido número de “loneiros”.

A presença dos artistas e dos ambulantes no Largo da Carioca, construindo e desconstruindo diariamente seus territórios temporários, utilizando o espaço público para exercerem suas atividades informais, remonta ao início do século XX. Portanto, a presença destas pessoas que, em seus microcosmos móveis, lutam pela sobrevivência faz parte da paisagem do lugar. Esta paisagem pode ser interpretada, segundo Cosgrove como “paisagem alternativa excluída”, ou seja, aquelas que representam “culturas excluídas, geralmente tratadas como de interesse marginal ou levemente suspeito” (Cosgrove, 1998, p.120).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades exercidas nos microcosmos dos artistas de rua e ambulantes suscitaram a leitura espacial proposta dos signos e significados. As idéias de inúmeros geógrafos em seus estudos confirmam que o espaço geográfico é um campo de representações simbólicas, que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões.

O Largo da Carioca é também espaço social e espaço cultural. Ele está associado tanto à função social, quanto à função simbólica.

A riqueza dos significados contida nos sete microcosmos favoreceu o estudo detalhado de dois deles. Estes microcosmos selecionados para uma análise mais aprofundada: (I) o Complexo Arquitetônico do Sagrado e (II) Os Artistas de Rua. Os mesmos foram selecionados por apresentar dicotomia relevante para o entendimento deste espaço múltiplo e complexo chamado Largo da Carioca. Esta dicotomia é, por um lado, marcada pelo espaço sagrado, repleto de simbolismos, situado no alto do morro e representado pela igreja e convento de Santo Antônio e pela Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Por outro lado, tem-se o universo profano, que se contrapõe à territorialidade religiosa e se caracteriza por uma territorialidade temporária e perpassada por disputas diárias pela sobrevivência.

Esta pesquisa, então, pretende contribuir para um outro olhar geográfico, com o objetivo maior de cartografar as diferentes culturas materializadas nos *microcosmos* que estão em evidência no Largo da Carioca. Outros microcosmos existem em diversos outros lugares cariocas. Há um longo caminho de pesquisas na Geografia para decodificar as suas paisagens.

* MESTRANDA EM GEOGRAFIA PELA UERJ SOB A ORIENTAÇÃO DA PROFA. DRA. ZENY ROSENDAHL; GRADUADA EM GEOGRAFIA PELA UERJ; BOLSISTA DO NEPEC DE 1998 A 2003.
E-MAIL: adrianapiresmar@ig.com.br

BIBLIOGRAFIA

BARATA, Mário. *Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1975. 78 p.

BERQUE, Augustin. Paisagem - Marca, Paisagem - Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem*,

Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 84-91. 123p.

BONNEMAISON, Jöel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.) *Geografia Cultural: um século* (3). Rio de Janeiro, EdUERJ, 2002 [1981], pp. 83-132.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas, SP: Papirus, 1989. 123p.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. *Os espetáculos de rua do Largo da Carioca*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro, UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajelórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 345p. p.288-299.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. 123p. p.92-123.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Lisboa: Edição Livros do Brasil - Lisboa, s/data. 234p.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In:

HAESBAERT, Rogério. Território, Cultura e Des-territorialização. In: CORRÊA, Roberto Lobato; MELLO, João Baptista Ferreira. Explosões e estilhaços de centralidades no Rio de Janeiro. In: *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro ano 1, nº 1, p. 23-43, 1995.

RAMOS, Kátia de Souza. *As persistentes transformações espaciais no Largo da Carioca: Do Convento de Santo Antônio ao Edifício Avenida Central*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE/ IBGE, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. 90p.

_____. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 247p. p.231-247

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. 247p. p.191-218.

_____. (orgs.). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. 199p. p.115-144.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1986. 125p.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 353p. p.77-116.

TUAN, Yi -Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

VELLOSO, Mônica P. *As tradições populares na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1988. 154p.

ABSTRACT

CULTURAL GEOGRAPHY HAS BEEN AMPLIFYING IN THE LAST YEARS ITS FIELD OF STUDY, MOSTLY ITS METHODS OF READING THE SPACE AIDING THE GEOGRAPHERS IN THE WORK OF CONCEPTS OF PAYSAGE, TERRITORY, TERRITORIALITY, PLACE, AND OTHERS, WITH THE EMPIRICAL STUDIES APRECIATING DIFERENT WAYS IN CULTURAL DIMENSION OF THE SPACE. IN THAT WAY, THE MAIN OF THIS ARTICLE IS UNDERSTAND THE LARGO DA CARIOCA 'S SPACE, PART OF THE RIO DE JANEIRO 'S CITY CENTRE, THROU THE SYMBOLIC MANIFESTATION IMPRESSED IN THE PAYSAGE. THE STUDY SEARCH RECOGNIZE THE CULTURAL REPRESEANTATION IN TWO DIFERENTS MICROCOSMOS THAT TERRITORIALIZE DIFERENT IDENTITIES AS A RESULT OF COTIDIANS PRACTICES.

KEYWORDS: CULTURAL GEOGRAPHY, LANDSCAPE, TERRITORY, MICROCOSMOS